

**O GOLPE DE 2016 E O APOGEU REACIONÁRIO**Victor Sérgio Freire Araújo¹**RESUMO**

O tema do Golpe de 2016 tem se tornado matéria constante da agenda da mídia, dos intelectuais e dos pesquisadores nas diversas áreas de estudo. Neste artigo, faço uma reflexão acerca do golpe de 2016 e as suas relações com a ascensão da extrema direita política no Brasil em 2018. Dialogando-as com outras visões de autores como: Ruy Braga, Giovani Sartori e Paulo Passos de Oliveira, as discussões tratadas aqui são produtos das exposições e debates ocorridos na disciplina “O Golpe de 2016 e o Futuro da Democracia no Brasil”, ofertada pelo curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Um novo horizonte de compreensão é o que pretendo traçar aqui tendo em vista a localizar os atores da extrema direita política antes da emergência do “Bolsonarismo” e quais foram seus papéis para essa culminância.

Palavras-chave: Golpe; Extrema Direita; Brasil.

Nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar pode esperar encontrar respostas para os problemas que a afligem.

(Zygmunt Bauman)

THE COUP OF 2016 AND THE REACTIONARY APOGEE**ABSTRACT**

The 2016 Brazil Coup has become a constant subject of the media agenda, of intellectuals and researchers in the various areas of study. In this article I reflect about the 2016 Brazil Coup and its relations with the rise of the far-right politics in Brazil in 2018. Dialoging with authors such as Ruy Braga, Giovani Sartori and Paulo Passos de Oliveira, the issues brought here are products of the exhibitions and debates that took place in the course "The 2016 Coup and the future of Democracy in Brazil", offered by Social Sciences Course of the Vale do Acaraú State University. A new horizon of understanding is what I intend to draw here in order to locate the actors of the far-right politics before the emergence of "Bolsonarism" and what their roles were for this culmination.

Keywords: Coup d'état; Far-right politics; Brazil.

¹ Graduando em licenciatura em Ciências Sociais - Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) - Sobral/CE. E-mail: [victorsergiofa@gmail.com]

**EL GOLPE DE 2016 Y EL APOGECE REACIONARIO****RESUMEN**

El tema del Golpe de 2016 se ha convertido en materia constante de la agenda de los medios, de los intelectuales y de los investigadores en las diversas áreas de estudio. En este artículo, hago una reflexión acerca del golpe de 2016 y sus relaciones con el ascenso de la extrema derecha política en Brasil en 2018. Dialogándolas con otras visiones de autores como: Ruy Braga, Giovanni Sartori e Paulo Passos de Oliveira, las discusiones tratadas aquí son productos de las exposiciones y debates ocurridos en la disciplina "El Golpe de 2016 y el Futuro de la Democracia en Brasil", ofrecida por el curso de Ciencias Sociales de la Universidad Estatal Vale do Acaraú. Un nuevo horizonte de comprensión es lo que pretendo trazar aquí con el fin de localizar a los actores de la extrema derecha política antes de la emergencia del "Bolsonarismo" y cuáles fueron sus papeles para esa culminación.

Palabras clave: Golpe; Extrema Derecha; Brasil.

INTRODUÇÃO

Para iniciar esta reflexão sobre o Golpe de 2016² e como desaguou no apogeu reacionário, tomo aqui a definição de “política” como referência privilegiada ao debate político a partir da compreensão de Celina Souza (2006, p. 8) que afirma: “A política é definida como pública não porque é encaminhada e conduzida pelo estado, mas por compor demandas, debates e questões públicas, envolvendo a sociedade”. Neste sentido, o debate emerge como elemento impulsionador de propostas e reflexões críticas para se pensar o mundo da política.

O esforço ao se tentar estabelecer uma nova compreensão do apogeu reacionário justifica-se na mesma resposta de Oliveira (2018, p. 1) ao tentar compreender a relação do papel da mídia e o golpe de 2016, “ainda não temos a distância histórica necessária para olhar este momento que não dentro do olho do furacão”. Desde que o PT³ assume o poder executivo no Brasil com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, o país passa a adquirir um novo teor no campo político impulsionado pelas formas que as forças de situação e oposição adquiriram. O mensalão (2005-2006) foi o escândalo de corrupção mais grave do período Lula. As mídias tradicionais⁴ desde essa época promoveram uma intensa cobertura de todos os escândalos de corrupção do governo, chegando ao ápice com a lava-jato iniciada em 2014.

² De antemão, ressalto que o presente texto não justifica o uso do termo “golpe”. Deixo aqui uma referência sobre o tema: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (orgs). **Por Que Gritamos Golpe: Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo Boitempo, 2016.

³ Partido dos Trabalhadores

⁴ Denomino aqui de Mídias Tradicionais: veículos de comunicação como o rádio, a tv, as revistas e os jornais impressos.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

A grande mídia nacional, em especial a Rede Globo, sempre esteve associada aos interesses das elites econômicas do País. Sendo uma grande corporação, a Globo é uma empresa de uma família que faz parte da elite financeira do Brasil. Desde o começo da chegada do PT ao poder, as elites financeiras, associadas às mídias, tentaram criar situações para a retirada do Partido dos Trabalhadores do cenário político. Um dos exemplos mais claros foi a cobertura em torno do que foi denominado pelos meios de comunicação de “Mensalão do PT”, em 2005. (OLIVEIRA, 2018, p. 12)

Os mecanismos de combate à corrupção se intensificaram nos mandatos petistas, porém as mídias tradicionais trataram de promover uma cobertura que proporcionasse ao seu telespectador uma associação entre toda a corrupção descoberta e o PT, ou seja, a mídia estabeleceu um processo de “fulanização da corrupção”.

Os repórteres Luiz Carlos Azenha e Rodrigo Vianna fizeram importantes revelações sobre as eleições presidenciais de 2006, que envolveram José Serra, do PSDB, e novamente Lula. Segundo eles, havia ordens expressas na Globo para barrar reportagens investigativas envolvendo denúncias contra Serra e o PSDB, e para destacar os fatos negativos envolvendo Lula e o PT. (OLIVEIRA, 2018, p. 10)

Uma sensação de impotência tomava grande parte dos brasileiros, através de um sentimento de que “tudo vai dar em pizza”. Aos poucos, esse sentimento fortalecia a germinação da extrema direita política. As mídias sociais⁵ cresciam cada vez mais, enquanto as mídias tradicionais continuaram, basicamente, com o mesmo *modus operandi*.

Desta forma, a Globo adota uma postura iminente política. É necessário destacar que toda ação deste grupo midiático é, compreensivelmente, fisiológica. A empresa Globo não está a favor, necessariamente, de um partido específico, mas da satisfação de interesses particulares, que possam ser atendidos por quem estiver no poder. (OLIVEIRA, 2018, p. 20)

O documentário “Muito Além do cidadão Kane”⁶ (1993) expôs o papel da rede globo no período da ditadura militar. “Segundo o documentário do Channel Four, a Globo usa de todos os artifícios para influenciar a opinião pública brasileira, tal qual faz Kane no filme de ficção” (OLIVEIRA, 2018, p.10-11).

O modo como essa emissora atuou ao longo dos mandatos petistas, de certa forma, foi o mesmo. As notícias que são escolhidas para exibição e a maneira como são transmitidas é o principal instrumento que toda emissora possui para atender seus interesses. Na dimensão das

⁵ Denomino aqui de Mídias Sociais: blogs, canais do youtube, facebook, twitter, instagram e outros meios de comunicação inseridos na rede mundial de computadores (internet).

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=049U7TjOjSA>



mídias sociais, antes dos protestos de 2013, a figura de maior representatividade do conservadorismo brasileiro era o pensador Olavo de Carvalho. As críticas realizadas por Olavo de Carvalho consistiam, principalmente, que a esquerda política tentava dominar culturalmente a sociedade brasileira usando-se de uma estratégia Gramsciana. Assim constata o jornalista João Fellet, da BBC Brasil, ao entrevistar Olavo de Carvalho, no dia 15 de dezembro de 2016:

Segundo Carvalho, a esquerda dominou a imprensa e as universidades brasileiras há várias décadas em estratégia que seguia o suposto ideário do marxista italiano Antonio Gramsci (1891-1937). O objetivo, diz ele, era criar uma "atmosfera mental" em que a população se tornasse socialista sem perceber.⁷

No plano político, as disputas presidenciais ainda eram monopolizadas entre PT x PSDB⁸, porém uma mudança está por vir. No que se refere as mídias sociais, o Orkut (2004-2014) era a rede social em evidência até então. Um movimento que é importante destacar, nessa rede social, trata-se de um grupo chamado “Ordem dos Homens de Bem”. Notável a semelhança do nome do grupo com a expressão usada atualmente “cidadão de bem”. Uma das comunidades desse grupo chamava-se “Bandido bom é bandido morto”⁹. Nessa época, Jair Bolsonaro era um deputado federal conhecido, basicamente, no Rio de Janeiro, por seus discursos polêmicos e suas reivindicações de melhorias trabalhistas para os militares. O Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas (DEM), não representava as aspirações da extrema direita política nascente.

Bolsonaro se elegeu deputado pela primeira vez nas eleições de 1990. Em seu primeiro mandato como deputado, de 1991 a 1994, palavras como "militar", "forças armadas", "benefícios", "salários" e "pensões" apareceram 702 vezes, nos resumos e palavras-chave dos 279 discursos feitos por ele no Plenário da Câmara naquele período. Já no atual mandato, de 2015 até agora, o mesmo conjunto de 16 palavras só aparece 110 vezes, num conjunto de 143 discursos.¹⁰

Um extenso material anticomunista foi produzido no período da guerra fria e, se tratando de Brasil, na ditadura civil-militar. Muito desse material anticomunista, por sua vez, foram incorporados aos grupos da extrema direita política nascente. A roupagem reacionária em fase embrionária tinha como embasamento teórico os pensamentos de Olavo de Carvalho e um

⁷ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>

⁸ Partido da Social Democracia Brasileira

⁹ <http://apaginavermelha.blogspot.com/2011/03/internet-cresce-divulgacao-de-ideias.html>. Ainda hoje é possível encontrar algumas informações sobre a “ordem dos homens de bem” através de uma busca no google.

¹⁰ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41131773>



discurso “moralizante” contra o avanço das pautas identitárias. Além de duras críticas ao PT, tais movimentos já expunham suas justificativas para a “desordem social” e a “degeneração moral da sociedade brasileira”.

A explicação que se pode dar até aqui para a seguinte pergunta: por que a extrema direita política não emergiu nesse contexto, e sim em 2018? De antemão, respondendo parcialmente, pode-se afirmar que consiste em alguns fatores como: o protagonismo do PT e do PSDB na esfera política; diminuição do nível de pobreza através do bolsa família e outros programas sociais; e as mídias sociais estarem em processo de transformação e consolidação.

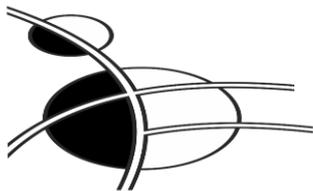
O PROCESSO DE GERMINAÇÃO DAS SEMENTES DA EXTREMA DIREITA

Após as manifestações de junho 2013, um fato se tornou evidente: o poder de influência política das mídias sociais. Uma gama de movimentos liberais e conservadores espalharam-se, principalmente, entre o facebook e o youtube. Um desses movimentos, nascido em 2014, é importante destacar: o MBL¹¹. O MBL aproveitou-se do momento de indignação política para tomar o protagonismo desse contexto para si, basta comparar a semelhança do nome do grupo a um dos movimentos das manifestações de 2013: Movimento Passe Livre.

O papel da classe média no golpe de 2016 é um tema bastante recorrente, porém, antes de iniciar tal discussão, faz-se necessário trazer o diagnóstico de Marilena Chaui sobre a atual classe média brasileira. Tendo em vista que tende a ser uma classe fragmentada, o termo “classe média”, no presente texto, fará referência aos setores ideologicamente conservadores e reacionários, conforme Marilena Chaui aponta:

Por sua posição no sistema social, a classe média tende a ser fragmentada, raramente encontrando um interesse comum que a unifique. Todavia, certos setores – como é o caso, por exemplo, de estudantes, professores, setores do funcionalismo público, intelectuais, lideranças religiosas – tendem a se organizar e a se opor à classe dominante em nome da justiça social, colocando-se na defesa dos interesses e direitos dos excluídos, dos espoliados, dos oprimidos; numa palavra, tendem para a esquerda e, via de regra, para a extrema esquerda e o voluntarismo, isto é, por uma relação com o tempo como descontínuo e volátil que exige ações imediatas. No entanto, essa configuração é contrabalançada por outra, exatamente oposta. Fragmentada, perpassada pelo individualismo competitivo, desprovida de um referencial social e econômico sólido e claro, a classe média tende a suprir a experiência de um tempo descontínuo e efêmero com o imaginário da ordem e da segurança, que introduziria permanência temporal e espacial. Desejo de ordem e segurança também porque, em decorrência de sua fragmentação e de sua

¹¹ Movimento Brasil Livre



instabilidade, seu imaginário é povoado por um sonho e por um pesadelo: seu sonho é tornar-se parte da classe dominante; seu pesadelo, tornar-se proletária. Para que o sonho se realize e o pesadelo não se concretize, é preciso ordem e segurança. Isso torna a classe média ideologicamente conservadora e reacionária, e seu papel social e político é assegurar a hegemonia ideológica da classe dominante. (CHAUI, 2016, p. 19)

Em 2014, o ano em que Dilma Rousseff consegue sua reeleição, o clima político torna-se cada vez mais tempestuoso. “A derrota apertada não foi aceita pelas elites e pelas classes médias dos estados mais ricos. O discurso de ódio contra o governo petista, contra pobres, nordestinos e nortistas se acirrou nas redes sociais, em um País que revelava sua face mais perversa da divisão de classes” (OLIVEIRA, 2018, p. 16).

Após as eleições, os telejornais da Globo passaram quase que exclusivamente a exibir e noticiar o braço policial do golpe: a Operação Lava Jato e seu aspecto político. Sem investigar as causas sistêmicas, os telejornais explicam que o governo petista foi responsável pela maior corrupção da história. Ao invés de investigar os contextos e as causas da corrupção, os telejornais revelam apenas os agentes do processo. É o que Jessé Souza (2016) denomina “fulanização da corrupção”. Ao atribuir à corrupção um caráter individual, você não analisa as causas verdadeiras do processo. Assim, fica a sensação de que, ao trocar os agentes, a corrupção acaba. (OLIVEIRA, 2018, p. 17)

A fulanização da corrupção se iniciava nos telejornais da rede globo, em seguida, nas redes sociais, era incorporada principalmente pelo MBL, que essencialmente era, *a priori*, um movimento anti-petista, apartidário, e exerceu um papel relevante nas manifestações contra Dilma Rousseff em 2015.

A mídia, com seu arsenal de enfoques seletivos, difundiu o discurso moralizante de combate à corrupção criminalizando Dilma, PT e Lula. O discurso foi abraçado pelas classes média e alta, que reproduziam nas mídias sociais – Facebook, WhatsApp e afins – a insatisfação diante das notícias que davam conta da suposta corrupção petista. (OLIVEIRA, 2018, p. 26)

Enquanto o MBL surge como movimento apartidário, apesar das controvérsias sobre uma possível conexão com o PSDB e outros partidos de oposição, pelo fato de que atuaram ativamente no fortalecimento do antipetismo. Jair Bolsonaro, deputado federal desde 1991, é um ator que entrou em evidência para impulsionar a germinação das sementes da extrema direita política. Bolsonaro possuía a vantagem de já está inserido no sistema político, apesar de ter permanecido “nas sombras” e, como vários analistas políticos costumam denominar, no “baixo clero” do congresso nacional. Na efervescência do antipetismo, em 2015, o cientista



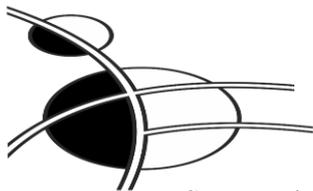
político Pedro Célio Alves Borges, professor da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, em entrevista, afirma:

O MBL e demais movimentos liberais podem crescer como podem não dar em nada. Contudo, ele argumenta que existe um vácuo de direção política no Brasil que está sendo ocupado de diferentes maneiras. Ele afirma que atualmente a novidade no País são as alternativas à direita ganhando formatação e conseguindo capitalizar a indignação social.¹²

As evidências de que o PSDB tenha atuado nas manifestações de 2013, nos protestos contra Dilma Rousseff em 2015 e no processo do golpe de 2016 são inúmeras, porém o propósito deste texto é localizar os atores da extrema direita política durante esses momentos para compreender como emergiram. Aqui se faz importante destacar o papel desses setores da classe média para o entendimento da extrema direita política nascente e emergente, como Oliveira (2018) bem delinea como ela se tornou um elemento crucial carregando consigo elementos reacionários:

A mídia nacional descobria empiricamente que a estratégia do denunciamento contra o PT e Lula, por si só, não daria certo. As políticas sociais, bem como os recursos destinados à educação, saúde e moradia beneficiavam as camadas desfavorecidas, e, sendo maioria, continuaram apoiando Lula e seu governo. Foi quando a Globo, bem como as outras empresas de comunicação, acharam um forte aliado; uma força que jazia em silêncio, ruminando e praguejando contra o governo petista na clausura de sua casa: a classe média. A classe média é aquela que, embora viva a insegurança das crises sociais e financeiras, identifica-se com as elites na medida em que almeja alcançá-las. Detentora de capital cultural, apega-se ao conhecimento como forma possível de ascensão social. A classe média não se coloca contra os privilégios da elite; ao contrário. Luta na esperança de conseguir assegurar, para si ou para seus descendentes, o degrau mais alto na pirâmide social, e usufruir das prerrogativas das elites. Enquanto as classes mais altas mantêm-se a uma distância segura dos estratos mais baixos da população, a classe média se sente ameaçada pela abertura de vagas nas universidades para os mais desfavorecidos. Estes poderão concorrer com seus filhos em um bom concurso público, ou a uma bela oportunidade de emprego em uma empresa privada. A classe média sentiu-se incomodada ao ver pessoas de classes inferiores dividindo espaço nos mesmos aeroportos, e comprando carros e motos. A classe média revela profundo desprezo por aqueles que não se vestem, ou não fazem uso do léxico, da mesma forma que ela. O golpe midiático é, portanto, porta-voz de classes específicas e bem delimitadas contra o Brasil que despontava, uma parcela do País que sempre foi desprezada. Mas, para o golpe acontecer, precisava que a classe média participasse ativamente. (OLIVEIRA, 2018, p. 12-13)

¹² <https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/o-que-querem-os-jovens-de-direita-que-marcham-rumo-brasilia-35601/>



Setores da classe média insatisfeitos com o avanço das classes populares historicamente desfavorecidas, tornaram-se a carta final que a mídia nacional, com ênfase na rede globo, e a elite financeira se utilizaram para promover o antipetismo. O cruzamento do antipetismo com os sentimentos reacionários de setores da classe média é o momento de germinação da extrema direita política. Giorgio Bianchi define da seguinte maneira o que são comportamentos reacionários e a origem desses impulsos:

Em sentido mais restrito e corrente, são considerados reacionários aqueles comportamentos que visam inverter a tendência, em ato nas sociedades modernas, para uma democratização do poder político e um maior nivelamento de classe e de status, isto é, para aquilo que comumente é chamado de progresso social. Os impulsos reacionários têm origem, em primeiro lugar, na hostilidade daqueles componentes sociais que, pelo progresso, são prejudicados em seus privilégios. A sua oposição é normalmente exibida como defesa de um sistema de valores que a tendência à igualdade destruiria. (BIANCHI, 1998, p. 1074)

"Identificações de classe, portanto, além de diferenciar os indivíduos, também imprimiriam uma hierarquia a essa diferenciação, e por esse motivo não seriam propriamente classificações neutras, mas hierarquias de valor" (SALATA, 2015, p. 115). As hierarquias de valor, que as identificações de classe carregam em si, é um fator fundamental para o entendimento de como os valores da classe média encontraram, na figura de Jair Bolsonaro, o seu principal representante.

Um casamento perfeito para atingir os objetivos de curto-prazo, porém perigoso. "A classe média, que nunca pôde destilar seu ódio contra as minorias em público, não tinha como acusar o PT por promover a diminuição real da miséria e da pobreza, nem permitir o acesso de excluídos aos bancos escolares e universitários" (OLIVEIRA, 2018, p.14).

De 2014 a 2016, os movimentos liberais e conservadores atingem o ápice de popularidade e poder de influência nas mídias sociais. O número de inscritos nos canais chegam na marca dos milhares e milhões. As mídias tradicionais começam a serem questionadas, principalmente a rede globo, porém o seu poder de influência ainda continua elevadíssimo. A cientista política Camila Rocha (2017) descreve, no jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, como se deu a movimentação desses atores:

No entanto, foi apenas a partir de 2014 que os ultraliberais começaram a aparecer de fato no cenário político nacional. Já organizados em think tanks como o Instituto Mises Brasil, o Instituto Liberal de São Paulo e o Instituto Ordem Livre, [...] os militantes se reuniram em torno da campanha política de Paulo Batista, candidato a deputado estadual por São Paulo.



No entanto, após a derrota, o publicitário que havia feito os vídeos da campanha para o YouTube e seu irmão, Renan Santos, formado em Direito no Largo São Francisco e membro da juventude do PSDB, decidiram chamar os militantes que atuaram em prol da candidatura de Batista para pequenas manifestações de rua contra a reeleição de Dilma Rousseff, convocadas pelas redes sociais. Em um primeiro momento, o grupo atuou sob o nome de Renova, o qual logo depois foi substituído por Movimento Brasil Livre, o que lhes permitiu reativar a página do Facebook que fora abandonada em 2013. Além de terem contribuído de forma importante para a fundação e reativação do MBL, os ultraliberais passaram a participar mais ativamente da política institucional. [...] Atualmente, existem três expressões partidárias que lhes possibilitaram uma atuação mais autônoma e coerente com seus princípios: o Partido Novo; uma tendência libertariana chamada Livres, no pequeno Partido Social Liberal (PSL); e o Partido Social Cristão (PSC), que agora está sendo progressivamente abandonado por vários militantes que procuram seguir as movimentações dos políticos da família Bolsonaro.¹³

Apesar dos think tanks liberais e conservadores possuírem bastante visibilidade, a TV aberta ainda possui grande importância como meio de acesso à informação no Brasil. “Cabe destacar que a TV ainda é o grande meio para acesso a informações em porte nacional. Tanta credibilidade atribui enorme poder político e econômico aos meios de comunicação” (OLIVEIRA, 2018, p.6). Em 2016 surge o sítio eletrônico Brasil Paralelo¹⁴ produzindo conteúdo que contesta a versão da história brasileira “ensinada pela esquerda”.

Por que os brasileiros precisam conhecer o passado? Que futuro teremos sendo vistos apenas como “o país do carnaval e futebol”? É possível buscarmos a mudança sem entender nossos erros e acertos do passado? O consenso é de que não há solução. Uma educação falha e uma mídia manipuladora são os maiores crimes contra a nação. Não podemos nos contentar com a visão de que nosso país perdeu o rumo de vez. O Brasil está assim, mas o Brasil não é assim. Nossa história é grandiosa e bela. Para resgatá-la, a equipe do Brasil Paralelo reuniu as maiores referências no assunto. Todos nós estamos convidados a mergulharem em horas de conteúdo extremamente aprofundado e produzido para trazer de volta a autoestima de cada brasileiro. Para mudarmos o futuro, temos a obrigação de conhecer e entender nosso passado.¹⁵

O “TIRO NO PRÓPRIO PÉ” DO PSDB

O antipetismo atinge seu auge em 2016, porém todo o esforço midiático para alcançar esse objetivo teve seus custos. Na tentativa de desgastar a imagem do PT, foi necessário

¹³ <http://diplomatie.org.br/think-tanks-ultraliberais-e-nova-direita-brasileira/>

¹⁴ <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeBmdaiicey2nImISw>

¹⁵ <https://awebic.com/democracia/brasil-ultima-cruzada/>



sacrificar certos elementos para manter uma “aparência de imparcialidade”, como por exemplo: Eduardo Cunha e Aécio Neves.

A informação estava se processando da seguinte maneira: as mídias tradicionais faziam as coberturas dos escândalos de corrupção, nessa fase, além de uma dose de antipetismo o telespectador recebia uma dose “anti-sistêmica”, ao passo que era necessário enfatizar o envolvimento dos outros partidos políticos. Nesse processo, visualiza-se a crise partidária e o elemento antipolítico à luz de Sartori:

Vivemos numa época caracterizada pela política do antipolítico (o movimento antipartido vem a ser uma subcategoria). O antipolítico é difícil de captar. Mas se vale numerosos ingredientes para prosperar. Para começar um bode expiatório, a saber, o establishment (formado por um bando de porcos, bandidos, mafiosos e marajás). Depois um diagnóstico, a saber que não são mais as classes sociais que dividem realmente nossa sociedade, mas a defasagem entre cidadãos e a política, entre o homem da rua e a política. (SARTORI, 2001, p. 179).

É um processo que se desenvolve desde o mensalão até os dias atuais com a lava-jato, no telespectador não se internalizava apenas o sentimento contra um partido político, mas contra todo o sistema político.

Perseguição a alguém do lado “da situação”. A estratégia de expor a uma condenação midiática exclusivamente os parlamentares petistas resultaria em críticas claras aos meios de comunicação. Por isso, as elites escolheram alguns parlamentares do bloco centro-direita para serem sacrificados. O primeiro foi Eduardo Cunha, do PMDB, que se tornou muito poderoso no Congresso, representando um risco para as elites. Cunha é o homem que controlava o “centrão” fisiológico, e seu acúmulo de poder se tornou um perigo para a direita. Da mesma maneira, foi necessário “sacrificar” a imagem de Aécio Neves, do PSDB. Reparem que o tucano Neves arrumou inimizades fortes dentro de seu próprio partido, como Tasso Jereissati. Além disso, sua situação ficou insustentável a partir de provas sérias de corrupção que o incriminavam. (OLIVEIRA, 2018, p. 24)

O governo Temer, com sua agenda neoliberal e antipopular, conseguiu obter um nível recorde de rejeição. O MBL que até então havia surgido como “apartidário”, não se apresentou de maneira consistente nas mídias sociais como grupo de apoio ao PSDB. Porém é possível encontrar um vídeo¹⁶ ao qual Kim Katagiri (2018), um dos líderes do MBL, opina sobre Bolsonaro, que em sua visão é um político despreparado, e, de uma forma discreta, se posiciona favorável à Geraldo Alckmin.

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=jkvSBmNSIHU>



O PSDB, por sua vez, vinha perdendo cada vez mais popularidade devido ao “efeito Temer” que afeta negativamente o capital político de todos os que estão ao seu redor. Em maio de 2018 ocorre a greve dos caminhoneiros e consigo um grande sinal de alerta. Os vários caminhoneiros com faixas de pedidos de intervenção militar anunciavam o que estaria por vir.

"Oi, galera. Sou caminhoneiro, estamos juntos aí na greve e estamos fazendo adesivos para colar nos nossos carros, nos dos colegas e nos de todo mundo que apoiar essa greve. Intervenção militar já. Se a gente não tirar esses corruptos do poder, a gente não vai para frente, não."

No vídeo, que se espalha por grupos de caminhoneiros no WhatsApp, o homem manda o recado em frente a uma impressora industrial que mostra centenas de adesivos prontos para serem colados nos vidros dos veículos.

Em outro vídeo caseiro gravado em São Paulo, em meio a uma sequência de caminhões que bloqueavam uma rodovia, um motorista grita: "Representando o caminhoneiro brasileiro, o transportador de carga. Aqui tem brio, aqui tem sangue. (Estamos) parando São Paulo, parando o Brasil e indo para Brasília destituir os três poderes corruptos. Intervenção militar já. O povo está cansado de sustentar estes corruptos. Aqui é patriota."¹⁷

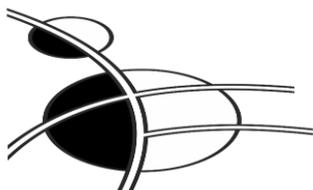
Essa mensagem é uma das “correntes” que circularam na rede social WhatsApp no período. O estado coletivo que se gerou foi uma descrença na democracia e uma crença na solução via intervenção militar. O sociólogo e professor da USP Ruy Braga (2018) afirma¹⁸ que o precariado urbano não se sente representado pela polarização política “PT x PSDB”, esse grupo possui enormes dificuldades de se organizar como uma força política autônoma. O momento era de uma crise de hegemonia.

De fato, em certos momentos, os grupos sociais se desligam dos seus partidos tradicionais, não mais reconhecidos desde então como expressão da sua classe ou grupo social. Quando ocorrem estas crises de representação, a situação fica imediatamente aberta a vários canais, frequentemente representados por chefes carismáticos. Este tipo de crise é, na terminologia gramsciana, sobretudo uma crise de hegemonia da classe dirigente. (GUARNIERI, 1998, p. 161)

Esta outra corrente que circulou na rede social WhatsApp também no mesmo período se relaciona em concordância com a afirmação do sociólogo Ruy Braga. Internalizou-se em muitas pessoas uma associação entre corrupção e a esquerda política.

¹⁷ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44244583>

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=3qrHzcvx9eI&t>



"Temos uma grande chance em nossas mãos de aproveitar esta greve para pedir intervenção militar, nova constituinte, e novas eleições sem os comunistas, e junto com esta intervenção a caçada a todos estes ladrões que estão no governo (...) O Exército entraria em ação em uma semana, vejam, podemos estar a uma semana do fim desta roubalheira toda, está em nossas mãos, quem apoia compartilha e curte."¹⁹

O “tiro no próprio do PSDB” foi, ao invés de se beneficiar com o fortalecimento do antipetismo, ter se prejudicado com o aumento do sentimento “anti-sistêmico”, ou seja, o aumento da sensação de falta representatividade com relação ao tradicional sistema político. O cientista político Jairo Nicolau (2018) reflete sobre como tal sentimento possibilitaria espaço para uma força externa, que, denominamos aqui de: Bolsonarismo.

Somente uma força externa muito poderosa poderia abalar um sistema de partidos estruturado em duas décadas de competição política, com diversos mecanismos de autoproteção. A Operação Lava Jato cumpriu esse papel. As investigações afetaram diversas legendas, mas sobretudo as três mais importantes: PT, PSDB e MDB. O PT teve vários de seus dirigentes presos e investigados, entre eles o ex-presidente Lula. [...] Olhando para trás e lembrando a maré de denúncias contra a elite política que circulou entre 2015 e 2018, percebo como os analistas subestimaram os efeitos da Lava Jato. A operação mudou o patamar de rejeição em relação aos principais partidos. Todos foram iguados por participarem sem pudor de gigantescos esquemas de corrupção.²⁰

AS FORÇAS DO BOLSONARISMO

Identificar as forças que sustentam o Bolsonarismo não é uma tarefa simples. A dificuldade consiste em organizar cada elemento que constitui esse colosso. Procurando identificar as forças que o sustentam, categoricamente pode-se apontar, principalmente, duas dessas: uma é o elemento “anti-sistêmico” que inclui, como motor principal, o antipetismo que “absorveu” do PSDB; outra é um conjunto de valores reacionários que já existiam, principalmente, entre os setores conservadores e reacionários da classe média.

Os valores reacionários também se contrapõem as pautas identitárias. Exemplo disso é a aversão ao feminismo, às cotas raciais, casamento homoafetivo e a uma gama de outras temáticas. O apoio da bancada evangélica à Bolsonaro, nas eleições de 2018, é um dos reflexos desse momento político. A reportagem da BBC News Brasil, do dia 23 de outubro de 2018,

¹⁹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44244583>

²⁰ <https://tinyurl.com/y83muvap>



descreve o percentual de intenções de votos do candidato Jair Bolsonaro entre os eleitores evangélicos e os motivos que os levam a tal escolha:

Segundo pesquisa Datafolha de quinta-feira, 71% dos evangélicos do país declaram voto em Jair Bolsonaro no segundo turno. Ele vence com folga em todos os subgrupos - evangélicos tradicionais, pentecostais, neopentecostais e outros setores. Outros 29% dos evangélicos escolhem Haddad.

Entre os apoiadores ouvidos pela reportagem, muitos associam o candidato do PSL à perspectiva de "resposta" a algumas mudanças de comportamento ocorridas nos últimos anos, como o crescimento do movimento LGBT, feminismo, discussões de identidade de gênero e novos formatos familiares, como os homoafetivos.

A campanha e apoiadores de Bolsonaro conseguiram colar no candidato do PT a imagem de um governo que iria ensinar sexo na escola e estimular homossexualidade, o que nunca foi cogitado por Haddad. Para isso, informações falsas sobre o petista foram disseminadas, como o fato de ele ser ministro da Educação quando o governo propôs distribuir a professores um material contra homofobia apelidado por opositores de "kit gay" - no entanto, a cartilha nunca chegou a ser enviada aos profissionais ou escolas. Na semana passada, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) proibiu Bolsonaro de divulgar vídeos associando Haddad ao "kit gay". Esse boato foi citado por todos os evangélicos com quem a BBC News Brasil conversou.²¹

O Bolsonarismo faz parte do processo de avanço global da nova direita populista e emerge, também, como resposta à nova esquerda. Um possível deslocamento da atenção, por parte da esquerda política, das pautas trabalhistas para pautas identitárias teria acelerado este processo? O colunista Vitor Fernandes (2018) escreveu sua percepção sobre isso:

O foco na pauta identitária acaba funcionando como um véu que esconde, de certo modo, as contradições de classe na sociedade e afasta parte do “cidadão médio”, geralmente conservador, da esquerda e o entrega de mãos beijadas para a direita conservadora [...] como Bolsonaro e cia. [...]. Enquanto isso, a direita está passando o rodo em todos nós, o golpe vai muito bem, obrigado, Bolsonaro está com quase 20% de intenções de voto, nossos direitos trabalhistas e previdenciários históricos estão indo pro ralo, estamos regredindo vinte anos em 2, etc.. Mas setores da esquerda ou da “esquerda” querem colocar no centro do debate se Anita cometeu ou não “apropriação cultural” com o seu último corte de cabelo.²²

²¹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45829796>

²² <https://jornalggn.com.br/blog/vitor-fernandes/a-pauta-identitaria-e-a-divisao-da-esquerda-por-vitor-fernandes>



O Presidente do Comitê Municipal do PCdoB de Igrejinha (RS), Cléber Custódio Duarte (2017) emite sua percepção sobre o foco na pauta identitária por parte dos jovens militantes da esquerda:

"Vejo hoje na UJS, grandes lideranças que se agregam justamente por estas questões identitárias. No movimento estudantil muitas das principais lideranças tem uma identificação muito grande com estas pautas. Hoje, o militante da esquerda na juventude precisa, antes de qualquer coisa, ter domínio destas pautas para poder dialogar com suas bases. O debate do Socialismo já não é o mais atraente na juventude infelizmente. Hoje o que move, sobretudo, a juventude é a luta contra o obscurantismo conservador. É a luta contra o machismo, a homofobia, o racismo e a Terra plana!"²³

O discurso de teor essencialmente “moralista” apoiando-se em um argumento do tipo: “estamos vivendo numa grande degeneração moral da sociedade brasileira”, obtém voz na figura de Jair Bolsonaro, que, em uma das suas frases mais conhecidas, afirma que “tem que mudar isso daí tá ok?”. O que está sendo proposto pode ser compreendido com o conceito de “controle social”, definido por Franco Garelli da seguinte maneira:

Por Controle social se entende o conjunto de meios de intervenção, quer positivos quer negativos, acionados por cada sociedade ou grupo social a fim de induzir os próprios membros a se conformarem às normas que a caracterizam, de impedir e desestimular os comportamentos contrários às mencionadas normas, de restabelecer condições de conformação, também em relação a uma mudança do sistema normativo.

O objetivo do controle não é somente perseguido pelo sistema social ou pelos grupos nele dominantes, mas também por grupos que numa sociedade parecem marginais e reacionários. De fato, as dinâmicas e os processos que caracterizam os grupos reacionários aparecem regulados por normas específicas e consolidadas, em relação às quais se determinam claros mecanismos de controle. Esta é, de fato, uma das condições indispensáveis ao grupo reacionário para que sua ação não seja prejudicada na sociedade. (GARELLI, 1998, p. 283)

A busca por controle social com a justificativa de que o país precisa de ordem por um grupo que se sentiu à “margem”, possivelmente pela atenção dada as camadas mais pobres através de programas sociais pelos governos petistas, entrou em cena em um sentimento reacionário à uma tendência de democratização e justiça social.

Desde que a rede social WhatsApp passou a ser bombardeada por “correntes” e fake news, a informação fácil e de veracidade suspeita substituiu gradualmente uma parte da

²³ <https://pcdob.org.br/congressos/o-pcdob-e-o-problema-das-pautas-identitarias/>



credibilidade dos grandes meios de comunicação. O antropólogo Pierro Leirner (2018), em entrevista ao EL PAÍS, delineou a estratégia que estava sendo utilizada:

P. O que mudou no papel da propaganda eleitoral clássica, na TV e no rádio? Os adversários de Bolsonaro conseguiram fazer bom uso dela?

R. Isso que você está chamando de propaganda clássica chega a dar dó. Os minutos que são fatiados em críticas, propostas e aqueles cliques ridículos mostrando gente sorrindo, o brasileiro típico, não devem convencer mais ninguém. Compare com o que produziu Bolsonaro: vídeos de baixa qualidade, feitos com celular. Todo mundo espalhou, não consumia a banda larga de ninguém! Pareciam selfies que se manda para o amigo ali da esquina. Essa estratégia o colocou em linha direta com as pessoas. E elas espalharam este conteúdo como se fossem agentes de campanha. Funcionaram como estações repetidoras. Delas para os grupos, e desses para outros. Hoje também já suspeitamos que houve uma ajuda extra. Mas, como disse, esse jogo está com a regra alterada circunstancialmente. Então essa propaganda tradicional, do jeito que está sendo feita, é inócua.²⁴

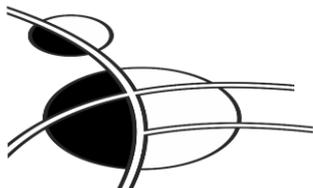
Os apelos às emoções e as crenças pessoais eram cada vez mais intensos. Desde a ênfase aos beijos gays nas novelas às primeiras aparições do cantor Pabllo Vittar. A construção do sentimento reacionário antecedeu a emergência do Bolsonarismo. O Cientista Político Marcus Ianoni (2018) afirma que é a própria extrema direita que se utiliza da estratégia gramsciana:

No momento, que talvez não dure muito, quem efetivamente está implementando bem a tal metodologia da hegemonia cultural é a extrema-direita, com sua indústria de fake news, com seu exército neopentecostal, com seu discurso fácil e maniqueísta contra a corrupção, com sua aliança com a burocracia togada de Moro & cia. e demais elites do aparato repressivo, mas também com a indústria da mídia e, sobretudo, com o mercado e com seus acenos a Washington. Nessa empreitada, diversos aparelhos privados de hegemonia (grande mídia, igrejas, organizações de representação de classe, universidades privadas, famílias, enfim) jogaram um papel importante na missão de desconstrução da imagem pública do PT, missão que operou, ao fim e ao cabo, como um fato-processo social coordenado sistemicamente, mesmo que sem necessariamente contar com uma direção centralizada.²⁵

Ao mesmo tempo que eclodiu na sociedade uma aversão aos atores tradicionais da política, os debates nas redes sociais passam a ser cada vez mais intensos. Os discursos adormecidos são renascidos. Alguma das temáticas e dos termos mais veiculados nessa eclosão tratam-se de: um processo de “venezualização” que o Brasil estaria passando pela condução política petista; o kit gay e a “ideologia de gênero”; acusações como “petralha e equerdopata”;

²⁴https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/politica/1540408647_371089.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&fbclid=IwAR2kcqZkIWtfNuVAiefGLIVHG33hzc1p74hDIaTuA0PV5i9lgmb38_kgXzw

²⁵ <http://brasildebate.com.br/direita-esquerda-e-gramsci-na-cena-historica/>



o conceito de metacapitalismo que busca associar governantes de ideologia de esquerda à empresários interessados em formar monopólios ; e a lei Rouanet como financiamento da carreira de artistas famosos. Todas essas expressões, por sua vez, podem ser compreendidas como produto do discurso de Bolsonaro.

Com o passar do tempo e aumento de sua projeção nacional, os assuntos corporativos do Exército, da Marinha e da Aeronáutica recuavam. O tempo de Bolsonaro na tribuna passou a ser ocupado cada vez mais com assuntos com "apelo" no novo público do deputado, que o conheceu principalmente na internet. Um outro conjunto de 16 termos, com palavras como "direitos humanos", "PT", "tortura", "Cuba", "esquerda" e "gays" tiveram um pico no mandato passado (2011 a 2014). Aparecem 297 vezes nesse período, mas só foram citados 41 vezes no primeiro mandato de Bolsonaro (1991-1994).²⁶

Todas essas expressões que entraram em evidência beneficiaram diretamente a esse “outsider” que possui como mentor de campanha, ninguém menos que, Olavo de Carvalho. A combinação entre a personalidade política de Bolsonaro com o “liberalismo” do economista Paulo Guedes poder ser pensada á luz da seguinte passagem, "Mais tarde, com o inexorável avanço da sociedade industrial e urbana, o Autoritarismo compactuará com o liberalismo, colorir-se-á de um nacionalismo sempre mais vistoso e procurará respostas para o próprio socialismo". (STOPPINO, 1998, p. 96).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão que se desenvolveu nesse texto não tinha como objetivo descrever o processo do golpe de 2016 como um processo distinto, mas procurar entendê-lo juntamente com outros fenômenos para uma ampliação do entendimento da conjuntura atual e do futuro da democracia no Brasil. O mensalão, o petrólão, a lei da ficha limpa, as manifestações de 2013, os protestos contra Dilma Rousseff em 2015, o golpe de 2016 e a greve dos caminhoneiros são fatores que precisam ser vistos em conjunto, ou seja, inter-relacionados. Dessa forma, busca-se compreender e, mais importante, identificar onde esteve a extrema direita política esse tempo todo.

O PT, em 2016, sustentou a narrativa de que o impeachment, na verdade, foi um golpe parlamentar, contra a então presidente Dilma, e, posteriormente, a da injusta condenação e prisão do ex-presidente Lula. Ao se apresentar como uma força distinta e com personalidade

²⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42231485>



própria, o “Lulismo” conseguiu se manter como uma força de resistência considerável. O PSDB, ao longo dos anos, perdeu a personalidade partidária em substituição a uma personificação do antipetismo. Essa nova personalidade do antipetismo tornou-se um elemento *sui generis*.

O envolvimento do PSDB com vários escândalos de corrupção, associados principalmente a figura de Aécio Neves, somado ao seu vínculo com o governo Temer, gerou um processo de “alienação da personalidade anti-petista”, ou seja, o antipetismo como força anticorrupção foi se distanciando do PSDB.

Toda a narrativa antipetista, desenvolvida desde o mensalão, teve seus frutos colhidos por um ator de fora do processo. Esse, por sua vez, possui, em torno de sua figura, um simbolismo que, em um termo de Tocqueville, denomina-se de “tirania da maioria”. A elite financeira que se manteve orquestrando e impulsionando as forças antidemocráticas talvez tenham dado origem a um cenário de consequências catastróficas e difíceis de se reparar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cristiano. **Cresce a divulgação de idéias neonazistas pela internet**. 12 de março de 2011. Disponível em: <<http://apaginavermelha.blogspot.com/2011/03/internet-cresce-divulgacao-de-ideias.html>>. Acesso em: 14 de outubro de 2018.

BIANCHI, Giorgio. Reação. IN: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs). **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRAGA, Ruy. **Entrevista com Ruy Braga sobre a greve dos caminhoneiros**. Youtube. 06 de junho de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3qrHzcvx9eI&t=>>>. Acesso em: 14 de outubro de 2018.

“BRASIL: A Última Cruzada”, a nova série original do Brasil Paralelo. **Awebic**. 06 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://awebic.com/democracia/brasil-ultima-cruzada/>>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.



CHAUI, Marilena. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. IN: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (orgs). **Por Que Gritamos Golpe?:** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo Boitempo, 2016.

DUARTE, Cléber Custódio. **O PCdoB e o problema das pautas identitárias.** 25 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://pcdob.org.br/congressos/o-pcdob-e-o-problema-das-pautas-identitarias/>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2018.

FELLET, João. **Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias.** 15 de dezembro de 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2018.

FERNANDES, Vitor. **A pauta identitária e a divisão da esquerda, por Vitor Fernandes.** 06 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/vitor-fernandes/a-pauta-identitaria-e-a-divisao-da-esquerda-por-vitor-fernandes>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

GARELLI, Franco. Controle Social. IN: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs). **Dicionário de política.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

GUARNIERI, Carlo. Cesarismo. IN: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs). **Dicionário de política.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

IANONI, Marcus. **Direita, esquerda e Gramsci na cena histórica.** 05 de dezembro de 2018. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/direita-esquerda-e-gramsci-na-cena-historica/>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2018.

KATAGUIRI, Kim. **Kataguiri responde. BOLSONARO OU ALCKMIN?** Youtube. 13 de junho de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jkvSBmNSIHU>>. Acesso em: 14 de outubro de 2018.

LEIRNER, Pierro. IN: ALESSI, Gil. **“Contradições e bate-cabeça da campanha de Bolsonaro são intencionais”.** 29 de outubro de 2018. Disponível em:



<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/politica/1540408647_371089.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&fbclid=IwAR2kcqZklWtfNuVAiefGLIVHG33hzc1p74hDIaTuA0PV5i9lgmb38_kgXzw>. Acesso em: 24 de dezembro de 2018.

MACHADO, Leandro. FRANCO, Luiza. **Eleições 2018: os valores e 'boatos' que conduzem evangélicos a Bolsonaro.** 23 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45829796>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

NICOLAU, Jairo. **O triunfo do bolsonarismo.** Novembro de 2018. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y83muvap>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2018.

OLIVEIRA, Paulo Passos de. **O Golpe de 2016 e a grande mídia brasileira.** In: O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil. Universidade Estadual Vale do Acaraú. 2018. 1-29.

ROCHA, Camila. **Think tanks ultraliberais e a nova direita brasileira.** 02 de novembro de 2017. Disponível em: <<http://diplomatie.org.br/think-tanks-ultraliberais-e-nova-direita-brasileira/>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

SALATA, André Ricardo. Quem é Classe Média no Brasil? Um Estudo sobre Identidades de Classe. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 58, no 1, pp. 111 a 149, 2015.

SARTORI, Giovanni. **Eleições e os Partidos.** IN: Democracia (Orgs) Robert Danton e Oliver Durhamel. Rio de Janeiro: Record. 2001.

SENRA, Ricardo. **Grupos pró-intervenção militar tentam influenciar rumo de greve dos caminhoneiros.** 24 de maio de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44244583>>. Acesso em: 04 de setembro de 2018.

SHALDERS, André. **Como o discurso de Bolsonaro mudou ao longo de 27 anos na Câmara?** 07 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42231485>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.



SOUZA, Celina. **Mercado, Movimentos sociais e grupos de interesse**. Rio de Janeiro FIOCRUZ. 2006.

STOPPINO, Mario. Autoritarismo. IN: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VITOR, Frederico. **O que querem os jovens de direita que marcham rumo a Brasília?** 16 de maio de 2015. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/o-que-querem-os-jovens-de-direita-que-marcham-rumo-brasilia-35601/>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.